



## NO PREÂMBULO DO ZARATUSTRA: REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO DE SUPERAÇÃO

Jimmy Davison Emídio Cavalcanti<sup>1</sup>

**RESUMO:** Vivemos em um mundo marcado pela destruição, sendo ela uma marca tão antiga quanto a humanidade. Construído por esta, ele traz em si as manifestações dos seres pensantes que, além de ter essa faculdade como aspecto que o distingue dos demais animais, carrega também a capacidade de (ir)racionalmente destruir o que está em sua volta, mesmo seus semelhantes, para fins que tem sentido apenas para aquele que faz uso de tal prática. *Utilizar* pessoas é uma das faces da destruição humana, uma instrumentalização que toma delas a liberdade de *ser*, de viver como sujeitos indivíduos dotados de potência de se tornarem o que são, de existir no sentido mais amplo de forma digna, desejando, pensando e agindo por si mesmos. A partir dessa imagem, o artigo busca entender como o ser humano pode superar tal condição e como isso pode ser dado na área educacional. Para tanto, reflete sobre três passagens do preâmbulo do Zaratustra de Nietzsche: a) quando deseja repartir sua dádiva com o povo (§ 1); b) sua conversa com o santo no bosque (§ 2); e c) quando apresenta o Super-homem ao povo na praça (§ 3). Essas passagens são tomadas como referência por trazerem a ideia de que *o homem é algo a ser superado*; a ideia de vontade do sujeito como fator determinante na consecução da superação; a afirmação da potência de superação; e o desejo de Zaratustra em dividir sua dádiva como atitude que carrega o ensinamento contra o egoísmo e a ganância, duas categorias consideradas, neste artigo, como fatores que afirmam aquela condição repugnante. As ideias discutidas no texto são reportadas à área da educação escolar, por entendermos o papel da escola no cuidado para que os estudantes tornem-se sujeitos indivíduos, entendendo-se que cada um tem tanto a potência quanto o direito de ser si mesmo, dignamente.

**Palavras-chaves:** educação; potência; superação; zaratustra.

## IN THE PREAMBLE OF THE ZARATHUSTRA: REFLECTIONS TOWARDS AN EDUCATION OF OVERCOMING

**ABSTRACT:** We live in a world marked by destruction, a mark that is as old as mankind. Built by humans, the world brings the manifestations of the thinking beings who, in addition to this faculty as an aspect that distinguishes them from other animals, also carry the ability of (ir)rationality destroying what is around them, even their peers, for purposes that make sense only to those who make use of this practice. To use people is a face of human destruction, an instrumentalisation that deprives them of the freedom to be, to live as individual subjects endowed with power to become what they are, to exist in a broader sense in a dignified manner,

<sup>1</sup> Graduando em pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – CAA, para quem correspondências devem ser endereçadas ao e-mail <[jimmyaita@yahoo.com.br](mailto:jimmyaita@yahoo.com.br)>. O autor foi orientado pela Professora Maria Betânia do Nascimento Santiago – UFPE/CAA.



wishing, thinking and acting by themselves. From this image, the article seeks to understand how human beings can overcome this condition and how it can be given in the educational area. Therefore, reflects on three passages of the preamble of Nietzsche's Zarathustra: a) when he wishes to distribute his gift to people (§ 1), b) his conversation with the saint in the forest (§ 2), and c) when he presents the Super-man to the people in the square (§ 3). These passages are taken as reference for they bring the idea that man is something that should be overcome, the idea of the subject's will as a determining factor in the achievement of overcoming, the assertion of the power to overcome, and the Zarathustra's desire to distribute his gift as attitude that carries the teaching against selfishness and greed, two categories considered in this article as factors that disgusting affirm that condition. The ideas discussed in the text are reported in the area of school education, for we recognize the school's role in caring for students to become subjects individuals, understanding that each one has both the power and the right to be what they are, worthily.

**Keywords:** education; self-overcome; power; zarathustra.

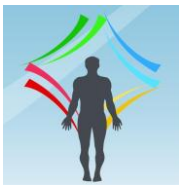


## **Introdução**

Se entendermos educação como um fenômeno por meio do qual os seres humanos transformam-se, podemos reconhecer o *Assim Falou Zaratustra* de Friedrich W. Nietzsche como obra de importante contribuição para a área educacional ao considerarmos as palavras de Julião (2001, p. 1) quando diz que "o ensinamento da superação (Überwindung) constitui o principal tema" daquela obra. A importância dessa obra para a área já vem sendo reconhecida por diversos autores, como podemos observar em Johnston (1998, v. 48, p. 67). Porém, Julião (2001) apresenta o *Zaratustra* de uma forma que nos permite entender que aquela transformação através da educação dá-se, ou pelo menos *haveria* de se dar, no sentido da *superação*. Esse entendimento é o que fundamenta a discussão que se pretende realizar com o presente artigo, assumindo a compreensão manifesta no *Zaratustra* de que a condição humana é marcada pela destruição do ser, sendo isso algo a ser superado.

É certo que há de ser levado em conta que as ideias tratadas por Nietzsche são oriundas de um contexto diferente do atual, que é, para nós, o campo no qual se gerou o desejo para a construção deste trabalho. Mas, no entanto, há de se considerar também que a contribuição que tomamos do *Zaratustra* para a esta discussão diz respeito à ideia de superação, a qual pode, a nosso ver, ser aplicada a situações em que se entenda necessária a migração de uma condição desagradável para outra que se demonstre como superior àquela. E é justamente dessa forma que consideramos o mundo sobre o qual pomos nossos olhos.

No mundo atual, seres humanos continuam sendo utilizados, segregados, destruídos, tendo roubada a liberdade de *ser*, dentre outras coisas. É possível notar a degradação da vida humana mesmo num momento em que a humanidade é considerada evoluída. Apesar dos avanços tecnológicos e científicos, por exemplo, alguns homens forçam os olhos atentos a perceberem que, no que diz respeito à condição humana, em seu íntimo, há uma semelhança com os tempos de Nietzsche. Em ambos os casos, esses animais conseguem se manter num estado atrasado de evolução. Um sintoma disso podem ser as relações humanas que conduzem à desgraça alheia. Diante dessa realidade, de certa forma comum, que por alguns é repugnada, julgamos fundamental retomar as ideias defendidas por Nietzsche em sua avaliação da humanidade, especificamente o fato de que ele abominou a condição atrasada de seu povo, mas que não apenas criticou, uma vez

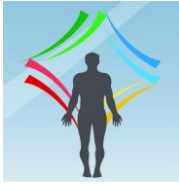


que também propôs uma forma, *um sentido*, para que tal condição fosse superada pelo homem.

Com o reconhecimento de que essa condição de vida humana é algo a ser superado, refletimos sobre três passagens do preâmbulo do Zaratustra: a) seu despertar na montanha (§ 1); b) sua conversa com o santo no bosque (§ 2); e c) quando ensina o Super-homem ao povo (§ 3). Essas passagens são tomadas como pontos de reflexão por trazerem as ideias de que *o homem é algo a ser superado*, a de vontade do sujeito como fator determinante na consecução da superação, a afirmação da potência de superação, e o desejo de Zaratustra em dividir sua dádiva como ação que carrega o ensinamento contra o egoísmo e a ganância, que são duas categorias consideradas, neste artigo, como fatores que *reafirmam* aquela condição desagradável.

Assim, com a retomada dessas ideias de Nietzsche e com reflexões sobre elas, busca-se entender como o ser humano pode superar tal condição e como isso pode ser dado dentro da área educacional. A princípio, acredita-se que esse feito será possível na medida em que o *Super-homem* é assumido como sentido do humano, condição que, para ser alcançada, independe de impulsos tais como egoísmo e ganância.

Antes de tratarmos diretamente da discussão das três passagens indicadas, damos lugar a algumas considerações iniciais a respeito de dois pontos julgamos fundamental destacar previamente. O primeiro refere-se a uma explicação mais ampla sobre o motivo do qual surge o nosso desejo de realizar este estudo. Na introdução afirmamos que o mundo fadado e marcado pela destruição de seres humanos é algo que repugna a alguns, fato este que fundamenta nossa discussão. Daí emerge uma questão que justifica a elaboração deste texto, através da qual podemos manifestar nossa posição em relação às ideias que exporemos: o que torna esse fato algo repugnante? Uma resposta possível e simples para essa questão poderia ser a nossa *compaixão*. Não é de se negar que, em uma cultura como a nossa, de raízes cristãs, esse sentimento tão disseminado e julgado como excelsa virtude, pré-requisito para que uma pessoa adentre ao reino da *eterna felicidade* no além-mundo, tenha propriedade para ser considerado como resposta adequada para a pergunta feita. Devemos mesmo reconhecer que ela tem contribuído para que a situação não fique ainda pior, no sentido de *mais repugnante*. Ao levarmos em conta que essa ideia de destruição está ligada à de sofrimento, reafirma-se de forma mais forte um lugar para a



compaixão, por percebermos que há uma coexistência entre ela e a sensibilidade. Já em sua época, Nietzsche (2009, p. 51) reconhecia que seus contemporâneos tinham se tornado mais sensíveis ao sofrimento, como observamos da seguinte passagem:

Em todo caso, não faz muito tempo que não se podia conceber casamentos de príncipes e grandes festas públicas sem execuções, suplícios ou talvez um auto de fé, nem tampouco uma casa nobre sem personagens nos quais se pudesse dar livre vazão à maldade e à zombaria cruel (- recorde-se, por exemplo, Dom Quixote na corte da duquesa: **hoje lemos o *Dom Quixote* com um gosto amargo na boca, quase como um tormento**, e com isso pareceríamos bem estranhos e obscuros para o autor e seus contemporâneos - eles o liam com a mais tranquila consciência, como o mais alegre dos livros, eles riam às gargalhadas). (Grifo nosso)

Embora ainda hoje, assim como no tempo de Nietzsche, existam pessoas que prezam pelo *fazer-sofrer*, não podemos deixar de reconhecer que também o repugno a tais eventos faz-se presente atualmente. A compaixão seria um motivo para isso, porém, não o único.

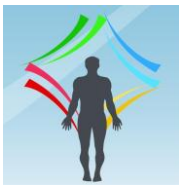
Vimos fazendo essas colocações sobre a compaixão enquanto resposta possível e simples. Porém, o intuito não foi o de reconhecê-la como o motivo para nosso trabalho, mas, ao contrário, pelo fato de ela ser comum em nossa cultura, para evitar que o leitor caia em engano, ao deparar-se com os horizontes que buscamos apontar. De compaixão morreu Deus, falou Zarathustra (NIETZSCHE, 2008a, p. 86), e não queremos isso também para nós. Queremo-la bem além. Não! Ela não está por traz de nosso desejo por superação. O que se coloca em tal lugar é um gosto amargo que nos toma a boca, um desprezo pelo que é feio, assim como o é a imagem de um mundo habitado por pessoas distantes de suas potências e de uma vida digna. Embora identifiquemos o egoísmo como fator que promove esse tipo de mundo, não poderíamos deixar de reconhecer que nosso sentimento motivador tende a ter um caráter egoísta. Afinal de contas, buscamos ensinar a superação de Nietzsche (2008a) a fim de que as pessoas alcancem uma forma de vida superior, para que *nós* mesmos tenhamos uma vida em meio a seres superiores. Daí que, quando perguntamos o que torna a imagem da destruição algo repugnante, vemos que não se trata apenas de um repugno à situação, mas também de um desejo por outra, superior, no sentido nietzschiano do termo.

O segundo ponto de que gostaríamos de destacar previamente diz respeito ao tema deste



trabalho. É possível afirmar que egoísmo e ganância não são categorias ou temas discutidos nas obras de Nietzsche. Porém, é de se reconhecer que exatamente na obra *Assim Falou Zaratustra*, são feitas referências a ambas, como veremos nas discussões que se seguem. Mesmo que não clara e literalmente, elas podem ser percebidas na própria conduta do profeta persa. Aliás, como este ponto refere-se a temas do pensamento nietzschiano a serem estudados, é importante citar alguns centrais que já vem sendo trabalhados por estudiosos como, **por exemplo**, a *Vontade de Potência* por Marton (2010), a *Verdade* e a *Tragédia* por Machado (1999), a *Superação* por Julião (2001), o *Eterno Retorno* por Salaquarda (1997), a *Educação* por Larrosa (2009) e Johnston (1998). Diante de todo esse trabalho que vem sendo desenvolvido sobre a filosofia nietzschiana, acreditamos que realizar outra investida nos mesmos assuntos já tratados por outros, caracterizar-se-ia como um evento contrário ao próprio pensamento de Nietzsche (2008a, p. 114-116), com o qual estamos de acordo, podendo tal contrariedade ser percebida ao considerarmos sua crítica quando fala sobre os *Doutos* de sua época que como “os que se postam no meio da rua a olhar de boca aberta quem passa, assim eles aguardam de boca aberta os pensamentos dos outros”. Acreditamos que é importante uma nova investida, para não cairmos na reprodução, mas, principalmente, ao contrário, para prosseguirmos em concordância com o pensamento daquele autor.

Nosso trabalho, portanto, discute sobre aquelas duas categorias a partir do pensamento nietzschiano, buscando não somente apreciar suas ideias e concepções, mas também e com maior grau, prosseguir com uma realização que possa condizer com seus ideais. E uma última consideração a esse respeito deve ser feita a partir a ideia de *macaco do Zaratustra* (NIEZSCHE, 2008a, p. 153), que significa uma pessoa que não tem direito de falar dos ensinamentos do profeta, pois não os vivenciam (SALAQUARDA, 1997, v. 2, p. 19). Entendemos que uma das preocupações do autor estava relacionada à seleção de seus leitores, como podemos observar no subtítulo que dá a seu *Zaratustra* é “um livro para todos e para ninguém” (NIETZSCHE, 2010b, p. 110). Ao reconhecer que nasceu postumamente, o autor afirma que não é qualquer pessoa que *poderá* ler seus livros (NIETZSCHE, 2004, p. 77). É possível dizer que esse “poder” não implica somente a capacidade de compreensão das letras e do sentido, mas também e principalmente a exigência de uma forma de vida determinada, superior, que venha a condizer com seus intuítos e



com seus ensinamentos. Não *sendo* dessa forma, incorreríamos no erro de nos assemelharmos ao macaco do Zaratustra.

### **A Exortação**

Nietzsche viveu em uma época em que as orientações de Deus estavam caindo em desuso. Justamente aquele que determinava o bem e o mal estava ausente, ou, nas palavras do autor, estava *morto* (cf. MACHADO, 2001, p. 48). Esse fato termina por implicar uma desorientação no povo de tal forma que precisam buscar uma nova fonte de *deveres* e *não deveres*. Como se verifica em Goergen (2005, v. 26, p. 984):

Particularmente, desde a idade moderna, quando Deus deixou de ser tanto o fundamento indiscutível das normas morais quanto o ponto de referência para as decisões morais do homem, a busca incessante de novas formas de legitimação tornou-se preocupação constante de filósofos, psicólogos, sociólogos, antropólogos, economistas, politicólogos e pedagogos.

Embora essa nova fonte pudesse representar uma supressão daquela ausência, um problema que havia no primeiro momento permanece no segundo. Para Nietzsche (2010a, p. 47), há um fenômeno desagradável que ronda sua época: o advento do *tu debes*, que era aquele mesmo problema persistente. Esse "tu debes" é um assunto sobre o qual o autor faz uma crítica significativa, como pode ser observada no Zaratustra e no parágrafo 6 do texto *A moral como anti-natureza* (NIETZSCHE, 2010a, p. 47-48). De forma menos direta, uma passagem similar pode ser encontrada também em *Schopenhauer Educador*, no qual o autor diz: "Tudo o que pensas, tudo o que fazes, tudo o que ambicionas agora, tudo isso não é tu." (NIETZSCHE, 2008c, p. 16). Como pode ser inferido, ele se refere a um conjunto de "quereres", ou "dever querer", cuja origem é exterior ao sujeito, embora fosse assumido por este como lhe sendo subjetivo. Vendo-se nesse contexto e discordando dele, o autor propõe, através do Zaratustra, um novo sentido para o povo, "o sentido da terra" (NIETZSCHE, 2008a, p. 25). Assim, na narrativa da aventura do profeta persa, vê-se o seguinte:

"Eu vos anuncio o super-homem.  
O homem é algo a ser superado. Que fizestes tu para o superar?  
[...]  
Eu vos anuncio o Super-homem: O Super-homem é o sentido da terra. Diga a vossa vontade: seja o Super-homem o sentido da terra."

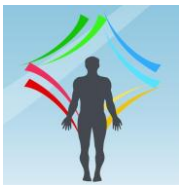


Sua anunciação, porém, não se encerra com essas palavras. Ele argumenta a necessidade dessa superação alegando que o homem é apenas um meio, uma ponte (NIETZSCHE, 2008a, p. 27). Portanto, cuidar para atravessar seu estado hominal seria sua direção. Outro ponto importante que utiliza para justificar o Super-homem é o fato de o povo, enquanto humanos, encontrarem-se numa situação inferior. Isso pode ser verificado na seguinte passagem: "Até agora todos os seres têm apresentado alguma coisa superior a si mesmos; e vós, quereis ser o refluxo desse grande fluxo?" (NIETZSCHE, 2008a, p. 26). É possível perceber, portanto, que o autor tem o entendimento de que a condição em que estava o povo, aquele do "tu deves", contribui para que o sujeito furte-se de fazer uso de suas potências e para que, dessa forma, mantenha-se numa condição inferior. Comentando sobre o Super-homem como sentido da terra, Machado (2001, p. 49) assinala que esse sentido é apenas um "alvo a ser atingido, e para os próprios homens nem assim ele ainda o é". Essa é uma afirmação que ajuda a entender tal situação, assim como a passagem em que o autor lembra as seguintes palavras de Nietzsche quando se refere aos homens a quem se dirigia: "o mais feio dos homens" (MACHADO, 2001, p. 47). Outros momentos do *Zaratustra* ilustram essa ideia de povo, conforme pode ser observado em Machado (cf. *Ibid.*, p. 58).

Essas potências podem ser entendidas através da seguinte sentença da mesma passagem: "Nenhum pastor e só um rebanho! Todos querem o mesmo, todos são iguais" (NIETZSCHE, 2008a, p. 28). Ou seja, ele estava perante um rebanho de pessoas que não pensavam por si mesmas, não escolhiam seus próprios afazeres, não tinham suas próprias ambições, em outras palavras, pessoas destituídas da condição de ser. Além disso, o *não querer* era uma característica identificável naquele momento, uma expressão do niilismo que levava ao "grande cansaço" (MACHADO, 2001, p. 84). Essa igualdade ou mesmice entre os sujeitos, fruto do desuso das capacidades individuais, da ausência da vontade criadora, entendida esta como consequência do próprio niilismo (Cf. *Ibid.*, p. 84) e expressão de "sua etapa mais terrível" (*Ibid.*, p. 56), levava Zaratustra a os exortar, pois reconhecia que o homem deve tornar-se superior, assim como os outros seres haviam se tornado.

A individualidade e as capacidades do homem são elementos importantes no pensamento de Nietzsche, e que se expressam de modo singular no *Zaratustra*. Caso não acreditasse no potencial dele, de ser uma ponte, o profeta persa não teria ido ao encontro do povo. Essa é uma ideia





bastante significativa para aqueles que buscam educar. Reconhecido o Zaratustra como uma obra de valorosas contribuições para a educação (cf. JOHNSTON, v. 48, 1998, p. 67), cabe considerar também essa ideia nesse. A potência de *ser* é o que fundamenta o interesse de cuidar para que os indivíduos tornem-se si mesmos, livrando-se de modelos, principalmente quando se trata daqueles que contribuem para a decadência da vida humana. Esse direcionamento compreende ainda outro aspecto de importância: ao sujeito que se encontra em tal privação torna-se importante a percepção do que lhe rodeia, o *dar-se conta de onde está*, como se encontra e em que direção caminha. Mas, como pode se dar tal reconhecimento?

### **Da vontade**

Encontra-se em Bollnow (1974, p. 97-124) uma discussão a cerca da educação que trata sobre a exortação na relação professor-aluno, e que se faz contributiva para nossa questão, pelo fato de se conceber uma aproximação entre sua compreensão de exortação e o papel de Zaratustra como exortador. Para Bollnow (1974), exortar é um meio através do qual o professor chama a atenção do aluno que se desvia do caminho que deveria estar seguindo, na intenção de que este se redirecione. Essa explicação do autor faz-se pertinente aqui pelo fato de a anunciação de Zaratustra se identificar com tal processo de exortação.

Desse processo tomamos como elemento mais significativo o *querer* do aluno. A importância de alertá-lo da situação em que se encontra para que se reorienta. Com efeito, é a atuação do exortado, seu querer, que define o sucesso da exortação. Trata-se de uma perspectiva que guarda semelhança com o pensamento de Nietzsche (2008a, p. 25-26). Considerando que este autor defende a individualidade, pode-se compreender que não é função do professor forçar o aluno a tomar tal ou qual atitude, porém, desde que este aluno já tenha capacidade suficiente de discernimento, e desde que a situação em que se encontre não implique prejuízo para outrem. Foi possível a Zaratustra, na prática, aprender sobre a determinação da vontade do indivíduo no processo de exortação, como se vê abaixo, com uma descrição de acontecimentos que estão ligados ao fato.

Depois de deixar sua caverna nas montanhas, ele passa por um bosque onde encontra um velho com quem inicia uma conversa (NIETZSCHE, 2008a, p. 24-25). Após reconhecer Zaratustra, ele



pergunta: "Que vais fazer agora entre os que dormem?" Um pouco depois, o profeta retruca: "Trago uma dádiva aos homens." O velho, nessa discussão, alerta o viandante do erro que está prestes a cometer. Já previa o fracasso do profeta, pois que possuía o conhecimento oriundo da experiência, diferentemente de seu interlocutor. Depois de Zaratustra ter-lhe contado sobre sua pretensão, o santo recomenda: "E se pretendes ajudar não lhes [aos homens] dê mais do que uma esmola, e ainda assim espera que te peçam." Suas palavras são fundamentadas na experiência que tivera. Em momento anterior a esta última fala, o profeta havia dito de seu amor pelos homens, fato que justificava sua intenção de dar a eles seu presente; e o santo havia retrucado: "Pois por que vim eu para a solidão? [...] O homem é, para mim, coisa demasiadamente incompleta. O amor pelo homem matar-me-ia." Mas, mesmo diante de todo o aconselhamento, o profeta seguiu seu caminho, ignorando o que escutara. Nesse proceder, reconhece-se o poder do querer do indivíduo. Com a sabedoria que tinha, ele seria capaz de considerar a experiência do velho no assunto, no entanto, seu amor pelos homens, o seu desejo de compartilhar sua dádiva com aqueles que amava, foi maior que a consistência do alerta que lhe foi dado. Outra ideia que se observa relacionada a esse *querer* é explicitada por Machado (cf., 2001, p. 42), quando trata da analogia que é feita no início do preâmbulo do Zaratustra, momento em que o profeta persa dirige-se ao sol: "assim como o sol precisa dele e de seus animais, a quem ilumina, ele, Zaratustra, também precisa dos homens". O autor segue referindo-se à ideia de abundância que, evidencia ele, está ligada à de declínio. Isso significa dizer que, mesmo com o reconhecimento do problema que estaria a enfrentar, o profeta não desistiria, ele necessitava esvaziar sua taça.

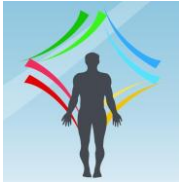
Quanto ao que havia dito ao velho, identifica-se uma nova posição do profeta, no capítulo *Do amor ao próximo* do Zaratustra, momento posterior a seu encontro com o povo, especificamente na seguinte fala: "o vosso amor ao próximo é vosso mau amor a vós mesmos" (NIETZSCHE, 2008a, p. 64). O amor, nesse momento, pede um novo cuidado, que se refere à sua posição nas prioridades: primeiro vem o amor a si mesmo, depois, e só então, o amor ao próximo. Descartando a possibilidade de contradição, pois que no primeiro momento ele não considerava essa ordem, surge a pergunta: o que poderia ter promovido tamanha mudança no seu modo de ver? Quando Zaratustra encontrou o povo na praça do mercado, episódio que medeia aqueles dois momentos, ele viveu aquilo que o santo havia predito. O povo não lhe deu ouvidos, ao contrário, zombaram



dele. Como se observa no Zaratustra, “‘Riem-se’, disse a seu coração, ‘Não me compreendem; a minha boca não é a boca de que estes ouvidos necessitam’” (Ibid., p. 28). O profeta, porém, não desistiu e voltou a falar, desta vez, de forma a "destruir-lhes os ouvidos", no intuito de conseguir "pescá-los". Mas, mesmo assim, o povo não lhe deu ouvidos, e se cumpriu a profecia do santo. Afinal, para este, o homem é coisa sobremaneira incompleta. Essa incompletude configura-se na incompreensão do povo para com Zaratustra. O que se pode entender é que esse fato não é de todo mal. Como afirma o profeta: "O que é de grande valor no homem é ele ser uma ponte e não um fim; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um ocaso" (Ibid., p. 27).

A seguinte pergunta então pode ser feita: o fato de o povo não aceitar a proposição de Zaratustra deve-se apenas à vontade? Como foi visto a respeito das considerações de Bollnow (1974, p. 97-124) sobre a exortação, esta só é possível quando o sujeito exortado possui a capacidade de discernimento, quando já tenha desenvolvido a competência para refletir, assim como se observa naquele momento (cf. MACHADO, 2001, p. 53). A partir do momento em que o sujeito possui esse recurso, resta-lhe apenas escolher se seguirá o aconselhamento ou não. Não dar ouvidos ao velho foi uma escolha de Zaratustra que, encorajado por seu amor aos homens, preferiu deixar o velho e enveredar pelas profundezas. Outro ponto a ser considerado quanto a essa atitude é o fato de o velho ainda não saber da morte de Deus. Isso deve ter levado o profeta a encarar seu aconselhador da forma como o fez. O que aconteceu com o povo foi algo diferente. Eles, enquanto ovelhas de um rebanho, desacostumadas a usar a capacidade de pensar por si mesmas e de, portanto, serem si mesmos, não dispunham da competência para discernir o que lhe era introduzido. Mesmo depois de lhes ter tentado destruir os ouvidos, Zaratustra foi negado e trocado. Os espectadores da praça do mercado preferiram dar atenção ao palhaço e ainda pediram pelo “*último homem*” (NIETZSCHE, 2008a, p. 29).

Diante do exposto, cabe refletir sobre a postura do educador diante de seus pupilos: Quando ele pode exortar? É possível pensar que esse deveria ser um momento posterior ao desenvolvimento da capacidade de discernimento. Como se observa em Berger e Luckmann (2004, p. 54), acontece de ser atribuída a função de discernir a alguns poucos ou a instituições em uma comunidade de vida, ficando aos demais, o povo, o simples papel de seguir as determinações elaboradas. Ou seja, perdem suas capacidades individuais, são privados ou se privam de serem eles mesmos e ainda de



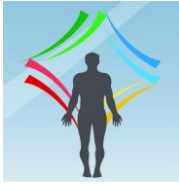
se tornarem seres superiores. Mas, se com o pensamento de Nietzsche comunga-se, antes de se exortar um sujeito a se tornar Super-homem, este precisa ter conhecimento de suas potencialidades, entender que é apenas uma ponte, uma passagem. Porém, cabe pensar que a vontade do exortado e a atitude do exortador não são os únicos fatores para empreendimento. Existem também outros sujeitos por trás dessa discussão, para quem a elevação não deve ser possibilitada a cada sujeito, fato este que põe empecilho à conquista da liberdade de ser.

### **Do desejo**

Nesta parte, refletiremos sobre o desejo do Zaratustra em dar sua dádiva a seus contemporâneos (NIETZSCHE, 2008a, p. 23), de onde cremos poder entender um ensinamento contra o egoísmo e a ganância.

Ao se verificar a história da humanidade, em diferentes momentos observa-se que esta espécie diferencia-se dos demais animais por um critério bastante penoso e merecedor de repugno: sua potência de destruição. Homens têm demonstrado a capacidade de serem parasitas, por construírem suas vidas por meio da destruição das vidas de outros seres, sejam de outras espécies ou de sua mesma. Este é um fato inegável, tendo como exemplo as guerras, que, por várias vezes, é por nada mais que a fim de realizar algum desejo egoísta e sem fundamento no bom-senso. Sendo exemplo também outras formas mais sutis de destruição, como a privação da vida digna, que é obstaculizada por barreiras que impedem o desenvolver das capacidades e aspectos que, trabalhados, fazem o *ser completo*. Em referência a este segundo caso, pode ser citada a *utilização* de pessoas, que nada mais é do que a exploração de seres humanos para a obtenção de algum fim do qual eles não participarão.

O egoísmo tem sido uma marca deplorável da espécie *pensante*, tanto quanto a ganância, uma vez que, por eles, homens que só enxergam a si mesmos destroem a vida alheia, a fim de buscar realizações monstruosas, que o são tal não por tamanho, mas pela forma como são realizadas. Este é um fato que remete a outra ideia trazida pelo Zaratustra: a de super-homem. Quando faz a afirmação de que “o homem é algo a ser superado”, o profeta segue com a seguinte exclamação: "Eu vos anuncio o super-homem: o super-homem é o sentido da terra. Diga a vossa vontade: seja o super-homem o sentido da terra" (NIETZSCHE, 2008a, p. 25). Para Zaratustra, o super-homem é



aquilo em que o homem deve se tornar na medida em que se supera, em que se superioriza. É certo que Nietzsche tinha em mente uma determinada imagem de homem. Porém, acreditamos apropriada a sua afirmação em nosso caso, pela própria ideia de necessidade de superação, que pode ser aplicada a uma imagem diferente em forma, mas semelhante em sentido. Por trás dessa concepção, pode-se perceber a ideia que ajuda a pensar e a descreditar aquelas realizações monstruosas que custam a vida de tantos seres: se o super-homem for tomado como sentido, concebemos que, para o alcançar, aquelas ambições são dispensáveis, mais que isso, são necessariamente dispensáveis, uma vez que afirmam o ser em sua condição inferior-atrasada – o que afirma a exigência da superação - pondo-o abaixo mesmo dos demais seres, chamados "irracionais", uma vez que a estes podemos atribuir a dignidade de apenas destruir outro ser para garantirem a própria sobrevivência.

A *ganância* e o *egoísmo*, entendidos dessa forma, são atributos do homem que reafirmam a exigência da superação dessa espécie. Para deixar mais clara essa compreensão, podemos recorrer a uma discussão de Nietzsche (2010a, p. 50) sobre a confusão entre causa e efeito, durante a qual se lê: "O leitor de jornal diz: com um erro desses, esse partido se arruína. Minha política *superior* diz: um partido que comete um erro desses está acabado". Pensando, a partir dessas palavras, sobre nossa questão, torna-se possível dizer que o homem não se inferioriza por ser egoísta e ganancioso, ao contrário, age egoística e gananciosamente porque é inferior, compreensão esta que destaca mais ainda a necessidade da superação do homem, a fim de superar essas formas repugnantes de agir. Porém, há de se pensar ainda que, mesmo que aquelas formas de agir sejam efeito da etapa inferior do ser, a insistência com elas reafirma e assevera a condição.

Para dar prosseguimento à reflexão sobre essas duas pulsões inferiores, faz-se importante caracterizar uma pessoa egoísta e gananciosa. É interessante ressaltar que essa não é uma tarefa demasiadamente difícil, pois exige apenas que se lance um olhar para trás ou para o mundo atual, sobre eventos comuns, e será encontrado material concreto a partir do qual poderemos plasmar uma "bela" imagem.

Começemos pensando sobre o tipo egoísta. Comumente diz-se egoísta aquele que guarda algo que lhe é de valor para si apenas, que não reparte o que tem com os outros. Até então, pode-se



concordar, não é de todo "mal", uma vez que pode ser de direito do sujeito manter para *si* apenas aquilo que é *seu*. Porém, o caso torna-se um problema quando a guarda desse algo implica o desfavor de outrem, como, por exemplo, quando um sujeito que vive em uma comunidade na qual há apenas uma fonte de água e ele a cerca de modo que apenas ele mesmo tenha acesso ao recurso. Outro exemplo, mais complexo, seria sobre os sujeitos que, para alcançar seus objetivos, impedem que outros alcancem seus próprios, por serem utilizados pelos primeiros, como já falamos acima.

Para analisar tais situações e esse tipo de sujeito, é necessário partir da citação do *Zaratustra* apresentada anteriormente sobre a ideia de rebanho. Entende-se que, nas entrelinhas dessa concepção, está a compreensão de que o ser deve ter sua individualidade garantida, ou seja, aquele que busca o sentido da terra, na intenção de se superiorizar, precisa ser senhor de si mesmo, ter suas próprias ambições, desejos e discernimentos. O que dizer então daqueles que são instrumentalizados, que não passam de meio para a sustentação e alcance das realizações alheias? Pode-se dizer, na perspectiva do *Zaratustra*, que eles perderam, ou melhor, tem roubada a liberdade de ser, compreendendo esta como a liberdade que um sujeito tem de determinar sua própria vida. Por sua vez, aquele que age de forma egoísta configura-se como criatura que avilta o *ser*, incapaz de considerar, nos outros, a potência da condição de ser. Quanto ao primeiro caso do egoísta, aquele que guarda o que é de valor apenas para si, seja ele analisado a partir do ocorrido com *Zaratustra* em um amanhecer em sua caverna.

Acontece que, depois de ter passado dez anos isolado em sua montanha com a companhia apenas de seus animais, *Zaratustra* apercebe-se da dádiva que havia conquistado, e decide que deveria reparti-la com seus contemporâneos (NIETZSCHE, 2008a, p. 23). A dádiva era, para o profeta, algo de extremo valor: o super-homem, sentido da terra e do homem. Assim, tomado pelo desejo de dar, partiu em direção às *profundezas* para se encontrar com o povo.

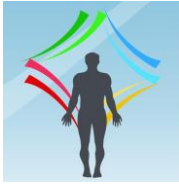
Em primeiro lugar, é importante proceder a uma reflexão sobre essa passagem, considerando que a ideia de que o *Zaratustra* conta uma tragédia, conforme podemos entender de Machado (2001): *Zaratustra: uma tragédia nietzschiana*, título do livro em que discute essa obra de Nietzsche. É possível compreender que este autor utiliza-se desta categorização a partir do entendimento de tragédia grega, a que estava ligado o pensamento de Nietzsche. Há de se levar em



conta que ela foi um meio assumido pelo povo grego para proporcionar ensinamentos. Assim, assistindo às tragédias, as pessoas aprendiam, com as personagens e suas experiências, lições de vida, na medida em que refletiam sobre o que ocorria nas histórias. Assim, ao se colocar como espectador grego, o sujeito pode buscar daquela passagem citada acima o ensinamento devido quanto ao tipo egoísta. Está claro, nas palavras de Nietzsche (2008a), que, naquela primeira concepção de egoísmo colocada, o profeta persa de nada foi egoísta. Ele, ao ver-se com tamanho tesouro, quis dividi-lo com seus contemporâneos. Ele ensina, pois, a compartilhar aquilo que é de valor, assim não apenas para o próprio dadivoso, mas também para aqueles com quem quer dividir, visto que, por se tratar do sentido do homem, o profeta estava prestes a dar ao povo o que para eles era de imenso valor, embora não o reconhecessem: o próprio caminho da superiorização, do tornar-se si mesmo.

Detenhamo-nos agora no sentido da ganância. Ela, por sua vez, pode ser caracterizada como um impulso através do qual um sujeito coloca-se em busca desenfreada por objetivos que consistem geralmente em aquisição de bens materiais. O problema da ganância, a princípio, está em seu caráter desenfreado, que significa dizer que um sujeito ganancioso fará mão de qualquer meio para obter aquilo que ambiciona. Entre esses meios, como não há de ser negado, encontram-se também pessoas, ou seja, os gananciosos apropriam-se de outras pessoas como instrumentos de realização de seus desejos. Analisando esse impulso a partir do Zaratustra, mais especificamente da ideia de super-homem, compreende-se que, comumente, o objeto da ambição tende a ser algo desnecessário, levando em conta que o super-homem, enquanto sentido da humanidade, constitui-se numa conquista em esfera interior. O profeta demonstrou, com seu próprio viver, que a ganância, entendida daquela forma que pensamos, é algo dispensável, uma vez que se tornou superior em sua caverna, consigo mesmo. Isso não significa que, para um sujeito se isolar, ele deve viver isoladamente, pelo fato mesmo que o profeta já demonstrara que enfrentar a vida, enquanto campo de guerra (NIETZSCHE, 2008a, p. 53-55), em meio aos homens, é requisito fundamental para a elevação.

Para compreendermos por outro ângulo a questão da solidão, trazemos uma explicação do aforismo 348 do *Humano, Demasiado Humano* de Nietzsche (2008b, p. 373, tradução nossa): "Na solidão, o solitário consome a si próprio; na multidão, ele é consumido pelos muitos". Segundo



Cilliers, Villiers e Roodt (2002, v. 21, p. 1), a individualidade do ser (categoria defendida por Nietzsche, como já vimos) firma-se entre os dois extremos, solidão e multidão. Consideram ainda que o indivíduo, nesse meio, está como um funambulo por sobre uma corda entre os dois tipos de dissolução. É, portanto, parte da vida do sujeito, e principalmente do guerreiro (NIETZSCHE, 2008a, p. 53-55), estar também entre os homens, nas profundezas. A questão que o profeta persa desperta para reflexão é que, se para o sujeito superiorizar-se ele não precisa de acúmulos no mundo, por que se demoraria numa busca gananciosa, considerando também que ela é um fenômeno que destrói a vida alheia? Essa, no entanto, é uma questão que cabe a cada um refletir por si só, fazendo uso de seu próprio discernimento.

Outra ideia que merece ser analisada é a de que, no processo de destruição, supõe-se que aquele que é destruído é mais fraco que o destruidor. Isso põe em questão a ideia de superiorização, uma vez que ela pressupõe uma subjugação. Nessa perspectiva, Marton (2010), ao discutir sobre a *vontade de potência*, uma das categorias principais da filosofia de Nietzsche, considera que o evento da vontade de potência produz uma hierarquização entre os seres. Mais que isso, ela explica que, segundo a filosofia de Nietzsche, até mesmo as células e os tecidos relacionam-se de forma hierárquica, em que a subjugação é um fato. Entende-se que essa compreensão pode levar a justificar a *utilização* de pessoas, alegando-se que isso é parte do próprio processo de superiorização. Porém, há outro ponto destacado pela autora, no mesmo texto, que "desarma" essa compreensão: a de que a vontade de potência é inerente *a todos os seres vivos* (cf. MARTON, 2010, p. 50). É certo que haverá uma hierarquização entre os seres, independentemente de nossa vontade, pelo simples fato de que, se um sujeito dedica-se em explorar suas potências, colocar-se-á, pelo menos neste critério, em nível superior àqueles que não a exploraram. Um exemplo disso é o próprio povo a que se dirigiu Zaratustra, que a ele estava em posição inferior, numa perspectiva de super-homem. No entanto, isso é claro no texto, o profeta não se utilizou de sua posição superior para destruir ou utilizar seus contemporâneos, mesmo quando eles o negaram e riram dele. Segundo a lógica comum dos mais fortes, ele deveria ter se *utilizado* daqueles homens para alcançar algum objetivo seu, mas, ao contrário, persistiu em tentar concorrer para a superiorização deles. Relembrando o aspecto trágico do *Assim Falou Zaratustra*, é valoroso desejar que esse proceder do profeta seja mais um ensinamento.





Reflitamos sobre um exemplo em que estão juntos ganância e egoísmo, ambos no sentido de destruição. É possível acreditar que empreendimentos como a construção das pirâmides do Egito não poderiam ter sido realizados sem a *utilização* de pessoas. Utilizar pessoas para um determinado fim pode parecer algo comum, afinal, nesse caso, por exemplo, foi por uma boa causa. Falta, no entanto, um complemento para o termo "causa" nessa afirmação. Coloque-se então da seguinte forma: ... foi por uma boa causa *dos* senhores da época. Esse acontecimento é apenas um exemplo dentre vários outros que ocorrem comumente na história da humanidade. Como se falou na introdução, hoje homens são utilizados, e, portanto, privados de si mesmos. Quando uma pessoa é instrumentalizada, ela perde de viver em função de si mesma e passa a viver em favor da causa de outro alguém. Ela perde a oportunidade de desenvolver suas potencialidades e se restringe a ser algo que possibilita a vontade de outrem, assim como um martelo ou uma pá.

Retomando a explicação de Marton (2010, p. 50) sobre a hierarquização oriunda da vontade de potência, pode-se dizer que o que ocorreu no caso das pirâmides é consequência da superposição daqueles que se engajaram com a vontade de potência. No entanto, a hierarquia das células e dos tecidos tem um sentido diferente da que se forma entre os homens de uma comunidade, como no exemplo citado. Neste caso, aquele que se sobrepõe usurpa dos que lhe estão subjugados a possibilidade de se sobreporem, ou pelo menos dificulta esse trabalho. Embora faça perceber que esse processo de hierarquização implica a perda de alguns em favor do ganho de outros, somos levados a pensar por outro caminho quando relembramos a explicação de que a vontade de potência não é de alguns, "mas de todo ser vivo" (Ibid.). Não seria interessante, portanto, cuidar para que cada sujeito tenha a oportunidade de se superar, de buscar ser algo superior à sua humanidade?

Com o exemplo que dá Zaratustra por meio de seu próprio viver, quando enche sua taça em sua caverna, consigo e entre seus animais, Nietzsche (Cf., 2008a, p. 23) faz perceber, através de sua personagem, que a vontade de potência dirige-se a uma superação do indivíduo sobre si mesmo. E como se viu acima com Marton (2010, p 50), na medida em que os sujeitos se superam, forma-se uma hierarquia. Mas é possível compreender que essa superposição é uma mera consequência, não um objetivo. Pode-se entender também, a partir do desejo de Zaratustra, que a superposição não implica a exploração do outro. Aliás, para alcançar o Super-homem, o sujeito precisa tão somente



superar a si mesmo.

Nota-se que essas observações apontam o *egoísmo* e a *ganância* como fatores que não têm função para o homem a não ser a de destruir alguns deles. Uma vez que o Super-homem é entendido como sentido da terra, o ser humano, enquanto busca alcançá-lo, desliga-se de tais impulsos uma vez que não trazem nenhuma contribuição para esse empreendimento. Ao contrário, como já foi colocado anteriormente, eles delatam reafirmam o estado inferior da própria humanidade, dirigindo-os em declínio.

Como se vê em Mann (2006, p. 30), no entanto, declinar é um processo necessário ao ser, no entendimento de Nietzsche. Isso está também expresso no movimento de descida que realiza o profeta persa quando vai ao encontro do povo. Ao grande astro Sol o profeta diz que precisa de mãos que se estendam para receber sua dádiva, assim como o astro precisa daqueles sobre os quais derramar seus raios. Porém, mais que isso, ele precisa adentrar-se pelas profundezas, pois, como vimos, é nela que o homem se faz forte. Segundo o mesmo autor, o declínio é um estado a partir do qual o homem retoma sua busca de se tornar superior. Encontra-se concordância com esse entendimento também em Machado (2001, p. 43), quando discute sobre a analogia da árvore. Do capítulo *Da árvore da montanha* do Zaratustra (NIETZSCHE, 2008a, p. 50) em que se apresenta a analogia e a ideia sobre a importância das profundezas, podemos destacar a seguinte passagem: “Quanto mais se quer erguer para o alto e para a luz, mais vigorosamente enterra as suas raízes para baixo, para o tenebroso e profundo: para o mal”. O profeta profere essas palavras ao comparar o homem a uma árvore, no momento em que tenta ensinar a um jovem que demonstrava estar aflito pela experiência que até então havia tido no mundo. Compreendendo-se dessa forma a decadência, portanto, reforça-se a vontade de potência, enquanto força que leva o sujeito a apresentar algo superior a si mesmo, uma vez que este é o sentido da humanidade. Mas, de que forma podemos pensar na e para a educação ao considerarmos esses pontos?

Ao se pensar sobre o amanhecer de Zaratustra em sua caverna (NIETZSCHE, 2008a, p. 23), há mais do que um ensinamento contra o egoísmo e a ganância. Há também o ensinamento da dádiva, ou seja, de que o profeta possuía um tesouro, justamente aquele que pelo qual iria descer às *profundezas*, como um rio que enfrenta os obstáculos até alcançar seu objetivo (Ibid., p. 80-82),



para dividir com seus contemporâneos. Ele se dirigiu ao povo para um ensinamento sobre o que era valioso para a humanidade. Levando esse entender para o campo da educação, surge a seguinte questão: o que nós, educadores, temos como dádiva para ensinar a nossos pupilos? Temos, de fato, assim como o profeta, algo tão valioso a ser dividido? É possível pensar o Super-homem de Nietzsche como uma dádiva a ser ensinada hoje. E isso se torna mais cabível quando carregamos a compreensão de que o tipo de humano destruidor deve ser superado. Eis porque ensinaríamos o Super-homem. Porque queremos ver uma imagem mais bela de mundo, desprovida daquelas manchas causadas pela inferioridade, deixadas por aqueles sujeitos que se mantêm em condição decadente que leva a decair também a existência de outros seres.

Mas há ainda outra questão a ser pensada, porém não discutida aqui: podemos nós ensinar sobre o Super-homem? Refaçamos a questão: podemos nós ensinar sobre a superação, sobre um ser superior ao tipo monstro humano? Essa questão é levantada a partir da ideia que se encontra no *Schopenhauer Educador*, segundo a qual Nietzsche (2008c) toma, como critério para escolher um filósofo educador, a coerência entre pensamento e vida prática. Como poderíamos nós ensinar sobre o Super-homem se não fôssemos tal? O próprio Zaratustra demonstra seu desgosto para com tal proceder e isso pode ser observado no capítulo *Da passagem* (NIETZSCHE, 2008a, p. 153), em que ele fala sobre “o macaco do Zaratustra”, um louco que “imitava um tanto a forma e a cadência da sua frase, e lhe agradava também explorar o tesouro da sua sabedoria”. Ele, porém, ao falar de seu desprezo pela *grande cidade* à porta da qual chegara o profeta, neste despertou o desprezo contra si, pois que se tornara “rã e sapo” do pântano que desprezava. Interrompendo-o a fala, o profeta diz: “E ainda que a palavra de Zaratustra *tivesse*, até, cem vezes razão: tu, com a minha palavra, *farias* sempre - uma injustiça!” (NIETZSCHE, 2008a, p. 155). O autor, então, através de sua personagem, demonstra seu desprezo pela atitude incoerente. Uma explicação de Salaquarda (1997, v. 2, p. 19) sobre o assunto ajudará com essa compreensão:

Quando se lê no início da segunda parte: “Minha doutrina está em perigo”, esse perigo não consiste no fato de que sentenças e pensamentos de Zaratustra não sejam tomados ao pé da letra em relação às suas intenções, mas que sejam tomados ao pé da letra **por pessoas que não os conquistaram e vivenciaram e por isso não têm nenhum direito sobre eles.** (Grifo nosso)

Vê-se, assim, que não desaprova o profeta persa que sua doutrina seja ensinada de forma



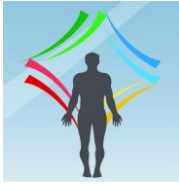
equivocada, mas que seja ensinada por pessoas que não a conseguem seguir elas mesmas. Ainda sobre essa passagem, consideramos que, se tomarmos o Super-homem como dádiva a ser ensinada, poderemos nos contrapor à utilização de pessoas. Se, por outro lado, tomarmos o Zaratustra como ensinamento, aprenderíamos que devemos buscar o desenvolvimento de cada ser, para que se engrandeam, ou melhor, para que se superiorizem, buscando ser indivíduos senhores de si mesmos.

### Conclusão

Depois de refletir sobre esses três pontos do Zaratustra, compreende-se que o homem é apenas um meio, um ser incompleto cuja completude alcançará na medida em que supera a si mesmo. Seu estado de vir-a-ser, por sua vez, é o que afirma as potências que possui para se tornar superior, ou, nas palavras de Nietzsche, tornar-se Super-homem. Sendo portador dessas potências, cabe ao homem ter ciência delas e compreender a importância de explorá-las. Embora a consciência delas e a compreensão do sentido da superiorização, como se viu, não garantam que o sujeito irá cruzar sua ponte, pois que dependerá de sua vontade, fica, pelo menos, um desejo de repartir com os indivíduos essa dádiva.

Feitas essas considerações, é possível entender que o homem que se guia pelo egoísmo e pela ganância tanto promove a desgraça alheia quanto intensifica sua condição inferior. A função desses impulsos, portanto, nada mais é do que o fluxo que leva a humanidade num sentido de inferiorização. Nietzsche (2008a, p. 25-26) fala de "voltar ao animal" como sentido oposto à superiorização. No entanto, quando se reflete sobre essa relação, cabe reconhecer que o animal "irracional", dentro da discussão deste trabalho, apresenta-se superior ao homem, pois, ao contrário deste, apenas causa prejuízo a outro ser para garantir seu próprio *ser*. É possível, portanto, reconhecer a importância dessa discussão para a educação, uma vez que a ela tem se atribuído o papel de cuidar para que se construa um mundo de respeito a cada indivíduo.

Ao refletir sobre o pensamento nietzschiano, Larrosa (2009, p. 39) exclama: "Talvez a arte da educação não seja outra senão a arte de fazer com que cada um torne-se em si mesmo [...]" Que então sejam os educadores o meio através do qual o sujeito se apercebe de suas potências e de sua ponte a cruzar. Assim, com o entendimento de que tornar-se si mesmo é uma tarefa que se dá



numa esfera interior, o papel da ganância e do egoísmo na vida desse homem incompleto, mas dotado de potências não representa nenhuma contribuição para que ele se torne um ser superior. Ao contrário, esses impulsos intensificam a inferioridade desse animal, na medida em que, através deles, ele priva seus outros de se superiorizarem.

## Referências

BERGER, L. Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOLLNOW, O. F. **Pedagogia e filosofia da educação: um ensaio sobre formas instáveis da educação**. Petrópolis: Vozes, 1974.

CILIIERS, P.; VILLIERS, T.; ROODT, D. The formation of the self. Nietzsche and Complexity. **S. Afr. J. Philos**, Stellenbosch, v. 21, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.ajol.info/>>. Acesso em: 01 Jan. 2012.

GOERGEN, Pedro. Educação e valores no mundo contemporâneo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 983-1011, Especial, out, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

JOHNSTON, J. S. Nietzsche as educator: a reexamination. **Educational Theory**, Illinois, v. 48, n. 1, winter, 1998. Disponível em: < <http://jamescottjohnston.com> >. Acesso em: 01 dez. 2011.

JULIÃO, J. N. **O ensinamento da superação em Assim Falou Zaratustra**. 2001. Tese (Doutorado em filosofia) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acesso em: 07 mar. 2012.

LARROSA, J. **Nietzsche e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Zaratustra: tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MANN, H. **The essential Nietzsche**. New York: Dover Publications, INC, 2006.

MARTON, S. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



NIETZSCHE, F. W. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ecce homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Porto Alegre: L&PM, 2010.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Human, all too human. & Beyond good and evil**. Hertfordshire: Wordsworth Editions Limited, 2008.

\_\_\_\_\_. **Schopenhauer educador**. São Paulo: Editora Escala, 2008.

\_\_\_\_\_. **Twilight of the idols and The Antichrist**. New York: Dover Publications, INC, 2004.

SALAGUARDA, J. A concepção básica do zaratustra. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. 2, p. 17-39, 1997. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br>>. Acesso em: 07 mar. 2012.